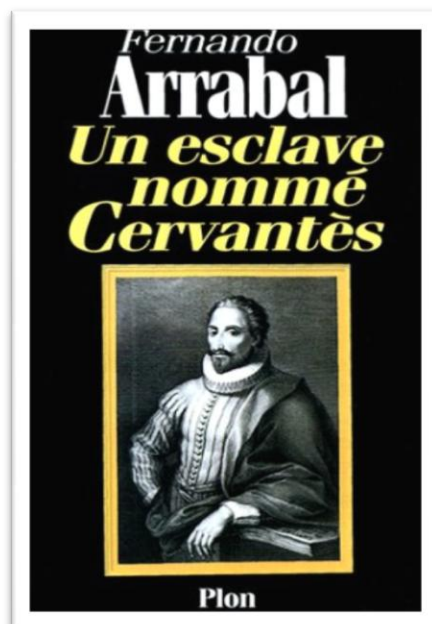
Salomão Rovedo
Arrabal, Cervantes e outras rasteiras



~1~

Cervantes: escravo, judeu, homossexual, proxeneta e plagiário?

Em 2015 completa-se os 410 anos (1605-2005) da publicação da primeira parte do romance de Miguel de Cervantes "Dom Quixote de La Mancha". Centenas de livros saíram a lume, milhares de artigos, conferências, congressos, etc. Um merecido foguetório, para tornar real a profética sentença *Post tenebras spero lucem*, que Cervantes tomou emprestado ao Livro de Jó para atirar no Dom Quixote. *Depois da morte, o sucesso, a fama!*

E ainda hoje ressoa o foguetório das comemorações, das muitas edições e reedições de obras escritas por Miguel de Cervantes. Mas também mereceram destaque aquelas publicações destinadas a especular sobre a vida do *audaz manchego*. Muitas leituras focalizam não só as obras de Miguel de Cervantes, mas também o vasto repertório de obras correlatas, destinadas a esmiuçar o acervo literário e a vida do genial fidalgo.

Um dentre os milhares de trabalhos sobre Miguel de Cervantes é "Um escravo chamado Cervantes", de autoria do escritor hispano-catalão-marroquino Fernando Arrabal. Não é obra recente (comprei num sebo), primeiramente foi lançada em 1996 na França, onde o autor é mais reconhecido por sua obra teatral e adaptações cinematográficas, para aportar três anos depois cá entre nós em edições e reimpressões (reimpressão é o modo que o editor brasileiro achou para passar a perna no autor, evitando a expressão "edição") – o que é este caso.

Fernando Arrabal é autor que ficou conhecido pelo talento rebelde, explosivo, que caracterizou alguns autores nascidos sob a ditadura franquista. Desde o tempo das primeiras peças e filmes, criou fama como o inventor do Teatro do Pânico – é isso o que dizem de suas chocantes peças teatrais e roteiros para cinema – fama que carregou para toda a obra que produziu, sob o signo da reação cultural ao franquismo.

Ser um rebelde revolucionário nas letras é ao, mesmo tempo, usufruir de certa liberdade, mas igualmente servir de telhado de vidro diante da pressão dos reacionários às suas ideias. Se, por um lado, lança um autor nos mares da fama de maneira espetacular, por outro, obriga-o a seguir uma estrada nem sempre gloriosa, porque cheia de balões de ar, vácuos indesejáveis: são os caminhos das terras de ninguém, de onde muitos saem vestidos num paletó de madeira.

Este "Um escravo chamado Cervantes" veio a lume baseado num documento, datado de 1569 e descoberto espetacularmente em 1820, segundo o qual se viria saber que Cervantes, em plena juventude (quando tinha só 21 anos de idade), foi condenado pelo rei da Espanha, a ter a sua mão direita amputada e ao desterro pátrio de dez anos. Essa condenação, segundo os cânones da época, equivalia à pena aos acusados de homossexualismo, nem mais nem menos! No entanto o jovem futuro escritor conseguiu que a dita condenação não fosse cumprida graças à cobertura que lhe deu um Cardeal amigo da família, que facilitou sua fuga para a Itália.

É claro que a partir desta explosiva descoberta – que muitos cervantistas ilustres se esforçaram por desmerecer e manter escondida – tudo ou quase tudo que se escreveu sobre Miguel de Cervantes teria que passar por severa e rigorosa revisão. Fernando Arrabal tomou para si a tarefa de exercer uma parcela dessa revisão. Se ele foi feliz ou infeliz nesta tarefa, dize-o a fama que o livro arrebanhou. Seja como for, mexer com Cervantes, sua obra e sua glória, é algo assim como condenar – o autor e a audácia – ao cadafalso.

Para classificar Cervantes como um **escravo**, Arrabal nos remete não só ao motivo direto do documento, comprovando, sim, que a escravidão se verifica não apenas sob os grilhões de ferro, mas igualmente sob a ditadura efetiva que a nobreza exercia sobre os súditos. Aliada dos poderes secundários da Igreja, cuja opressão se verifica como segundo degrau hierárquico da dominação, essa escravidão atingiu Cervantes diretamente no cerne do seu labor literário. Como autor ele não conseguiu romper a barreira dos intelectuais próximos do Poder e da Inquisição para levar a sua obra ao público. Antes, teve que gastar prestígio e artimanha para manter-se vivo e atuante.

Num segundo plano Arrabal perde muito tempo na busca dos antepassados mais longínquos de Cervantes para posicioná-lo como judeu de descendência cristão-novo. Parece um estigma: para os negros, todos os demais são negros; para os judeus, todos os demais são judeus. Alguns serão negros e judeus (Sammy Davis, Jr.). Mas, o que temos, na tese defendida por Arrabal, é que o cristão-novo jamais deixará de ser judeu, mesmo que decorridas várias gerações. Mas Arrabal no livro descreve uma exceção dessa regra de interesse: o Bispo de Burgos – depois também de Castilla – dom Pablo de Santa Maria, um antigo rabino da cidade.

Dom Pablo, assustado pela imprevista matança e perseguição dos judeus, de imediato abraçou o cristianismo, e o fez com tal fé que logo alcançou a mitra de Burgos. A nova fé católica que o Bispo assumiu seria de tal maneira exacerbada por Dom Pablo de Santa Maria e de tal modo cruelmente exercida, que tanto o pai quanto – depois – o seu filho, Dom Alonso de Cartagena (que também viria a ser Bispo), se transformaram em ferozes implacáveis perseguidores de judeus!

Portanto, não há como explicar a obsessão que move Arrabal em "Um escravo chamado Cervantes", tampouco a necessidade depressiva de demonstrar que a ascendência de Cervantes fosse ou não fosse judia, posto que, no caso, se trata do menor e menos importante pedaço da biografia do genial fidalgo de La Mancha.

Como se sabe, para fugir da pena a que fora condenado pelo Rei da Espanha, Miguel de Cervantes é mandado para a Itália. Ali chegando arranja abrigo, proteção e trabalho na casa do Monsenhor Giulio Acquaviva y Aragon, que Cervantes conheceu durante as pompas fúnebres de dom Carlos, filho de Filipe II morto prematuramente – assassinado pelo pai, dizem.

Mais uma vez aparece em cena o Cervantes **escravo**, desta vez de Acquaviva, também efeminado, segundo Arrabal. Para fugir da escravidão, da subserviência opressiva, Cervantes aproveita a convocação feita para compor o famoso exército de aliados e se inscreve sob o comando de João de Áustria para combater os otomanos em Lepanto.

Conta a história que Cervantes se arrisca destemidamente. Ele busca, de todas as maneiras, não só alcançar o perdão pelas loucuras que fez, mas também conseguir ascensão na nobreza, algo que ambiciona desde sempre, mas jamais verá realizado. Numa das refregas o agitado e valente soldado é atingido de forma violenta por fragmentos de granada. A explosão feriu todo o lado esquerdo do seu corpo, deixando os membros seriamente avariados.

Decorre daí a suspeita folclórica de que, se tivesse sido cumprida a primeira parte da condenação em que Cervantes perderia a mão direita e agora, ferido em batalha, tendo inutilizando todo o lado esquerdo, jamais o Dom Quixote de La Mancha teria sido escrito, perdendo a humanidade a criação da maior de suas obras primas. Ó crítica cruel...

Ao retornar para a Espanha após ter se recuperado das feridas – de posse de vários documentos atestando a sua bravura e recomendando o aproveitamento em cargos imperiais – o barco em que Cervantes viaja é sequestrado por piratas árabes: passageiros e tripulantes são feitos prisioneiros. No cárcere em Argel, Cervantes vive a planejar fugas espetaculares, na ânsia de chegar à Espanha e finalmente conseguir a posição social que tanto sonhara, ambição desta vez lastreada nas façanhas heroicas da batalha de Lepanto. Tudo em vão...

Atestada por seus comandantes, a sua atuação na batalha teve o testemunho subscrito por nada menos que o próprio João de Áustria, comandante supremo dos exércitos e meio-irmão de Filipe II. Cervantes nada consegue nessas tentativas, e seu suplício só termina quando os parentes obtêm o dinheiro suficiente para pagar o resgate. São mais de três anos como prisioneiro – e mais uma vez **escravo** – do Manda-Chuva do país (Bey ou Sultão de Argel), ocasião em que também se torna seu amante, para não perder a viagem. Esse Arrabal...

No entanto Miguel está vivo e reencontra a família, estabelecida com um próspero comércio de pensão (hospedaria) montado em Madri. Cervantes usa seus conhecimentos e facilidades sociais para fazer publicidade e expandir o negócio. Viajantes vindos da Itália, da França, dos Países Baixos ali se hospedam. A recepção está aos cuidados da sua irmã Andrea Cervantes, que sabe envolver os hóspedes mais importantes com todas as regalias que a posição social merece.

Muitos deles deixam relatos agradecidos e gorjetas valiosas, o que registra a excelência do bom tratamento que receberam na pensão dos Cervantes. É neste momento que Arrabal, com um dom que só ele possui, consegue transformar Miguel de Cervantes em um legítimo proxeneta, capaz de deixar envergonhado o mais afamado cafetão da Lapa carioca – acusando-o de usar a sexualidade da irmã para atrair hóspedes. Andrea certamente tinha lá seus atrativos sensuais, seria amante fogosa, como – por fama – o são as espanholas, mas ninguém havia imaginado que vendesse tais ardores...

Mas... seria Cervantes um **plagiário**? É claro que todos os cervantistas conhecem as leituras e pesquisas que serviram de base para a feitura do romance. Também a elaboração da principal personagem do livro O Genial

Fidalgo Dom Quixote de La Mancha já foi objeto de muitos estudos. No próprio romance Cervantes deixa algumas pistas – não são poucas – como no episódio em que são condenados e incendiados muitos livros de cavalaria da sua biblioteca. Quantos e quantos volumes esmiúçam os antecessores e inspiradores do Dom Quixote!

No entanto, a maior influência coube a Arrabal descobrir, na figura de Feliciano de Silva, antecessor de Cervantes em vários livros de cavalaria – os vários Amadis, os romances pastoris, as Celestinas – foi o autor mais admirado não só por Cervantes, mas também por muitas gerações de leitores, eis que suas obras eram muito traduzidas e sempre reeditadas. Arrabal capricha em localizar aqui e ali os sinais mais óbvios de que Miguel de Cervantes não só se serviu da obra de Feliciano de Silva como modelo, mas adquiriu uma cumplicidade tal, uma proximidade tão próxima, que só se pode chegar à fatal conclusão – plágio.

E se é Fernando Arrabal quem tudo isso diz, escreve e assina embaixo, quem sou para contradizê-lo?

Quanto ao livro em si, "Um escravo chamado Cervantes" é de leitura muito difícil. Ou Arrabal transportou para esta pseudobiografia todas as loucuras inatas da escritura arrevesada que o levou a ser considerado um escritor maldito na melhor das tradições e escreveu mais uma obra indecifrável e cabalmente intraduzível – portanto, se traduzida, totalmente ilegível – ou Carlos Nougué é na verdade o pseudônimo de um desses programas de tradução simultânea que infestam a Internet com a pretensão de enterrar de vez o tradutor...

Porque – é sabido – Fernando Arrabal sempre foi um escritor "difícil", isto é, autor de textos herméticos e de dupla ressonância. São dramas, romances, roteiros e outros etcéteras que possuem características próprias. Partindo de uma escola que se poderia traduzir surrealista, Arrabal descreve seus temas montando o texto sobre uma estrutura fractal. São textos que soam melhor no teatro ou no cinema, onde o diretor pode improvisar e recriar à vontade, segundo uma interpretação singular.

A maior parte dos resumos biográficos que circulam por aí tem o mesmo tom do exemplo que cito a seguir:

"Fernando Arrabal (Melilla, 1932). Dramaturgo, poeta, romancista, ensaísta, cineasta, entre outras atividades menores. Seu "Teatro do Pânico" descreve um mundo de vítimas e carrascos que se comprazem alternadamente no domínio e na servidão. Na obra de Arrabal a alusão política e a inspiração fantástica se mesclam continuamente".

“Obras: *O cemitério de automóveis* (1966), *O arquiteto e o imperador da Assíria* (1967), *O jardim das delícias* (1969), teatro. *Viva a morte!* (1971), *Irei como um cavalo louco* (1973), cinema. Homenageado pela Academia Francesa pelo conjunto da obra teatral. Prêmio Nabokov de romance. “Um escravo chamado Cervantes” recebeu o grande prêmio da *Societé de Gens de Lettres* (França)”.

Por isso mesmo esta tradução jamais será entendida pelo leitor não iniciado em Fernando Arrabal. Até mesmo o tradutor mais experimentado pode cair nas armadilhas semânticas, embora se possa pensar que traduzir do espanhol para o brasileiro seja fácil. Não é. Daí a brincadeira acima que fiz com o Carlos Nougué, cuja tradução desta biografia cervantina “Um escravo chamado Cervantes”, de Fernando Arrabal, só vem demonstrar que desta vez quem foi traído foi o tradutor e não o traduzido.

****

~2~

O genial filho de algo Dom Coxote da Mancha

Em não havendo restrições quanto ao romance de Cervantes, obra prima consagrada ao longo dos seus 400 anos de idade, o foco literário volta-se para as traduções, como esta última anunciada na divulgação feita por Gustavo Bernardo, saída n’ O Globo Prosa & Verso de 14/01/2006 [O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha: Primeiro Livro, de Miguel de Cervantes Saavedra. Tradução de Carlos Nougué e José Luis Sanchez. Editora Record, 570 páginas].

Existe uma analogia com outras artimanhas: no futebol, por exemplo, o técnico se arvorou de maioral. Não é mais o jogador o centro das atenções, nem o craque, nem o goleador. Como por um milagre se descobriu que o futebol não existiria sem aquela figura que fica à margem do campo fazendo gestos e mímicas, inventando uma linguagem marginal, que só ele entende.

Vaidade das vaidades! Ora, mas no teatro também foi assim. Que seria de Shakespeare, de Moliére ou Brecht ou Beckett se não fosse a inventividade criativa e genial dos montadores? Pois, pois, cada nova apresentação é uma releitura não autorizada. Aonde se desemboca na pura verdade: a maioria das montagens modernas está tão distante da produção inicial que do autor mesmo sobram apenas o título e o texto.

Quanto ao contexto...

Assim é que as novas traduções, de uns tempos para cá, têm como objetivo principal caracterizar-se como a mais atual, a especial, a novidade. E para ser especial e vendável, tem de trazer em si algo de novidade que justifique não só a aquisição física do exemplar, mas que também traga prazer à leitura. Um objetivo secundário – ainda que seja anunciado nas primeiras linhas – é o de cooptar a linguagem quinhentista de Cervantes, trazendo-a para ser digerida e consumida nos dias atuais.

Isso já foi tentado com outros livros – a Bíblia – por muitas outras editoras, como na recente tradução feita para a Editora 34, segundo a qual aquele era, sim, o Quixote definitivo, atualizado e normalizado para o brasileiro dos nossos tempos. Mas também as traduções têm vida breve, como as mariposas. A singularidade é que esta edição, mais recente (2005), que provavelmente deu muito trabalho a seus produtores, outros já julgaram superada, descartável, de ontem e tome tradução! Vem coisa nova por aí...

Para isso é mister dar ares de modernidade, de coisa nova, assim como é propagado. Esta tradução, feita por brasileiro e espanhol, revela sutilezas da obra-prima Cervantes (sic). É como ressalta Gustavo Bernardo na divulgação. Baseados em quê os tradutores desvendaram tais sutilezas? Em busca da solução para três incógnitas, compactadas numa só: como escreveria Cervantes o Quixote no português de sua época, mas de modo tal que não perdesse o sabor hispânico de então e fosse compreensível para o leitor de hoje?

Pois não é que sem querer Gustavo Bernardo coloca uma questão que bem pode ser aproveitada em quase todos os vestibulares vindouros? Sim, leiam bem, repitam a leitura mais uma vez, mais outra vez como se faz no vestibular e então respondam: como? Sim, como escreveria Cervantes o seu romance Dom Quixote no português de sua época, mas de modo tal que não perdesse o sabor hispânico de então e fosse compreensível para o leitor de hoje?

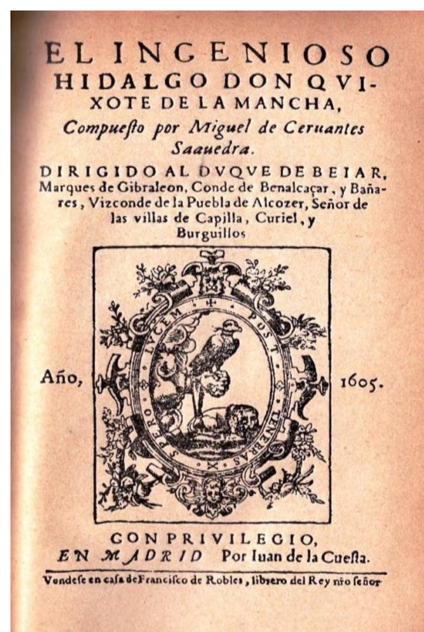
Em seguida a essa contundente questão – que se nos concebe irrespondível – Gustavo Bernardo enumera as enormes dificuldades e desafios enfrentados pela dupla de tradutores, que em essência são os mesmíssimos já enfrentados outrora por inúmeros outros tradutores de todas as partes do mundo. A viagem da tradução é uma odisseia sem fim. É, porém, assunto totêmico, próprio para tradutores, nunca para resenhistas...

Neste caso em particular, porém, nós, que somos simples admiradores da obra de Cervantes, temos a obrigação de meter o bedelho. Isto porque os tradutores Nougué e Sanchez ousaram em matéria que nenhum outro havia se atrevido: mexer no título da obra. Sim, porque desde longo tempo o título da obra vem merecendo algumas observações, muitas ressalvas, escassas contestações, até medo, mas ninguém havia ousado adulterá-lo como agora foi

feito. O título original é: EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA. Antes de tudo, porém, quero que alguém me explique como, e por ordem de quem (do autor não foi, certamente), se adulterou o nome de Don Quixote para Don Quijote?

Vejam bem a imagem grudada aqui abaixo, pois se trata do frontispício da primeira edição do livro de Cervantes. Alguém está lendo ali Qui_j_ote – Quijote? Necas! Ali está Qui_x_ote. Sim, Quixote! Aliás, em todo o livro se vê escrita, de maneira claramente proposital pelo autor, uma mescla das linguagens faladas à época em toda a península. Português, Galego, Asturiano, Catalão, Valenciano, com exceção do Vasco.

Teria Cervantes a pretensão de dar ao livro um cunho europeu, visando o que seria a sua Europa? A Europa de seu tempo – Espanha, Portugal, Baleares, as terras fronteiriças da França de linguagem mesclada e entendível? Mas, a partir de certo momento algum espanhol de estirpe *castellana* resolveu adulterar Quixote para Quijote, em honra e glória do Reino de Castilla. Então fixou QUIJOTE...


EL INGENIOSO
HIDALGO DON QVI-
XOTE DE LA MANCHA,
Compuesto por Miguel de Ceruantes Saauedra.
DIRIGIDO AL DVQVE DE BEIAR,
Marques de Gibraleon, Conde de Benalcaçar, y Bañares, Vizconde de la Puebla de Alcozer, Señor de las villas de Capilla, Curiel, y Burguillos
Año, 1605.
CON PRIVILEGIO,
EN MADRID Por Iuan de la Cuesta.
Vendese en casa de Francisco de Robles, librero del Rey nro señor

Depois, estamos diante da expressão *Ingenioso,* que aqui em brasileiro se traduz por *Engenhoso*. Este caso, por exemplo, já é merecedor de alguma discussão. A expressão *ingénio*, de onde vem o *ingenioso*, é irmão do nosso genioso (genial, turrão, teimoso), bem diferente do nosso *engenho* e, por extensão, do *engenhoso* que é sempre utilizado para traduzi-lo. *Ingénio* fragmenta-se em *in-génio* = gênio interior. Para evitar digressões que poderiam levar ao didatismo desnecessário, o resumo da ópera é o seguinte: ao rigor do pé da letra, uma das opções para traduzir o *ingenioso* para o brasileiro, seria a expressão ***genial***. Então teríamos: O GENIAL FIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA.

O caso da palavra *Fidalgo* já foi vastamente esclarecido pelo escritor marroquino Fernando Arrabal no livro "Um escravo chamado Cervantes", também da Record e também traduzido por Carlos Nougué. Fidalgo, segundo Arrabal, significa *Filho de Algo* [de alguém]. Passamos para a segunda versão, que seria: O GENIAL FILHO DE ALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA.

Até o nome do homem foi ameaçado. Vejamos a justificativa para tal, fazendo um flashback das palavras de Gustavo Bernardo: "Quijote" corresponde à peça da armadura que cobre a coxa e deveria ser traduzida para "coxote", mantendo a terminação "ote" que, em espanhol, tem sentido depreciativo. Pois para mim, um leigo em espanhol, diria que Cervantes estava era fazendo uma gozação a si mesmo, ou seja, à sua condição de manco, coxo – portanto coxote... – mas, como disse, sou asno em espanhol!

Então fica só a provocação. Aí explicam o temor de mexer em expressões (quixote, quixotesco e outros derivados) que se tornaram proverbiais em nossa língua Graças a Deus os tradutores acharam temeridade adulterá-la. Caso contrário toparíamos com: O GENIAL FILHO DE ALGO DOM COXOTE DE LA MANCHA.

Mas, êpa! *de La Mancha*?? Aqui, sem querer, tocamos na principal execração de dupla de tradutores Nougué & Sanchez. Pois não é que ousaram modificar o título da obra aportuguesando o Don Quixote de *La Mancha* para Dom Quixote *da Mancha*?? Mas a justificativa para adulterar o de *La Mancha* para *da Mancha* é realmente trágica. Quem diz é Gustavo Bernardo:

"Mas contra as traduções anteriores, optaram 'da Mancha' e não 'de La Mancha', se em português se fala na Espanha Central como 'a Mancha'."

Péra aí! Eu disse que era leigo em espanhol, mas também não é tanto assim. Em algumas regiões da Espanha e de Portugal – principalmente na Galícia, noroeste espanhol – as cidades são realmente denominadas assim: A Coruña (La Coruña), A Estrada (La Estrada), Oporto (Porto) – nossa muito bem conhecida cidade portuguesa, aquela do vinho de lá mesmo.

Mas não me consta que La Mancha seja chamada A Mancha, porque La Mancha fica na região do antigo Reino de Castilla que, como todos sabem, se fala o castelhano, que é o espanhol culto tradicional. A partir de 1978 Castilla La Vieja se dividiu em duas comunidades autônomas: Castilla La Mancha e Castilla y León. Saibam mais:

"La Comunidad Autónoma de Castilla-La Mancha es una comunidad enclavada en el corazón de la Península Ibérica. Está formada por las provincias

de Albacete, Ciudad Real, Cuenca, Guadalajara y Toledo, siendo ésta última la capital". (http://www.uclm.es)

Mas se querem ousar, então vamos pelo menos obedecer à escrita regional, sem adulterá-la! Ainda mais com o apoio do Instituto Cervantes? O verdadeiro título que a dupla sertaneja de tradutores Nougué & Sanchez deveria usar é: O engenhoso fidalgo Dom Quixote de A Mancha (ou d'A Mancha). Ousem, mas ousem como cavaleiros, valentes, corajosos, assumidos. Não chamem "La Mancha" de "Mancha", pois é certo que os naturais da terra de Quixote não vão gostar nadinha de vê-la com tal nódoa, mácula, labéu, desonra, tacha...

Muito mais do que foi dito na resenha de Gustavo Bernardo mereceria outras reparações – por exemplo, a tradução de *en cuanto* pelo vicioso *enquanto*, tão em moda entre nossos literatos – entre outras coisinhas. Mas não virá a reparação deste escriba amador (que se entremeia aqui ***enquanto*** poeta), mas sim poderia vir de gente gabaritada e do mesmo nível que o autor da resenha, professor de Teoria da Literatura na UERJ.

O meu caso pessoal e que motivou estas linhas, é mesmo com o senhor Carlos Nougué, Prêmio Jabuti de Tradução – seja lá o que for isso – que me fez sofrer a algum tempo atrás com a leitura de uma tradução catastrófica do livro "Um escravo chamado Cervantes" (Record 1999), de autoria do já mencionado escritor marroquino Fernando Arrabal. Até para se traduzir um porralouca como Arrabal é preciso algum talento.

Tenho a obrigação de fazer uma ressalva positiva, pois, ainda bem que os tradutores Nougué & Sanchez refrearam a dosagem de ousadia senão – segundo seus planos – estaríamos diante das aventuras de tal de Dom Coxote e em consequência aterrissaríamos em um novo título para a obra de Cervantes: "O GENIAL FILHO DE ALGO DOM COXOTE DA MANCHA!"

****

-3-

O capoeirista Fernando Arrabal

Logo no "Prólogo ao ocupado leitor" dá para reparar que Fernando Arrabal, ao escrever "Um escravo chamado Cervantes – Um retrato do criador de Dom Quixote", compôs um texto polêmico a seu jeito e perfil. Desta vez a convite dos organizadores do I Congresso Internacional de Cervantistas, realizado em 1988 na cidade de Alcalá de Henares, terra de Cervantes. Portanto, seria texto para ser lido no congresso cervantista, oportunidade que

Arrabal – ele mesmo o Salvador Dali das letras – não deixaria passar em brancas nuvens.

Fernando Arrabal aproveitou a espetacular oportunidade que lhe ofereceu o "*destino caprichoso, quase prodigioso!*" para especular sobre um documento que havia sido recém-descoberto – a "Ordem de Captura" contra *"um Myguel de Cerbantes"* (sic). Ora, escrever um texto para ser lido não é o mesmo que escrever um texto para ser publicado em livro. A oratória dá uma eloquência ao texto que a impressão não tem. É como tese de mestrado (sempre acompanhada do chatíssimo *abstract*), feita com base em estética pretensa acadêmica, com linguagem e itens obrigatórios, agradecimentos inclusive.

Assim é como fica uma palestra quando passa para a impressão, ademais de ter sido classificada como biografia pela editora – coisa que não é. Arrabal escreveu um texto especulativo e para isso recorreu à ficção. Para justificar a ousadia que permeia o texto, Fernando Arrabal se sustenta em obras e autores similares:

"Ruth Reichelberg estuda-lhe as origens em "Dom Quixote ou O romance dum judeu disfarçado"; Louis Combet examina-lhe a homossexualidade e o masoquismo em "Cervantes ou As incertezas do desejo"; Rosa Rossi analisa-lhe a personalidade e as raízes em "Escutar Cervantes".

Arrabal cita também outros autores:

Sarah Leibovici (1921-1991), verdadeira caçadora de judeus e sefarditas: "*Mosaiques de notre memoire: les judéo espagnols du Maroc*" (1982), "*Noces judéo-espagnoles. Nuestras bodas en Tetuan*" (1983), "*Chronique des Juifs de Tétouan: 1860-1896*" (1984), "*Christophe Colomb juif*" (1986).

Dominique Aubier (1922-2014), autora de "*Don Quichotte prophète d'Israël*" (1966), primeira obra a evocar a presença de tradições judaicas no Dom Quixote. No entanto, Aubier não encontrou apoio para sua tese, que foi refutada por Selon Ruth Fine, da Universidade de Jerusalém, afirmando que textos da tradição hebraica não estavam acessíveis à época de Cervantes. O professor Fine acha impossível que Cervantes tenha tido acesso à Cabala e à tradição esotérica judaica em época de Inquisição. Em análise feita entre o texto de Dom Quixote e as bíblias (hebraica e católica), Selon Fine chegou à conclusão que Cervantes usou a vulgata em sua versão tridentina.

Marthe Robert (1914-1996), autora que pesquisa Cervantes sob a ótica e ética psicanalítica em "*Robisonadas e quixoterias*":

"Para que o romance abandone as franjas feéricas a que foi por muito tempo confinado, convém claramente que a Criança Perdida desperte para as exigências mais realistas do Bastardo edipiano, de tal modo que aprenda a ver o mundo como se apresenta e, voluntariamente ou não, dirija um olhar interessado às coisas do presente. Ele é Robinson, ou Dom Quixote, segundo tome um dos dois caminhos possíveis; na verdade sempre um pouco de ambos, ora mais lúcido, ora mais perplexo, um Robinson quixotesco ou um Dom Quixote náufrago. Porém, seja como for, o romance não existe mais sem a fissura que deve agora enfrentar; pelo menos não há mais história pretensa que não escolha como tema os conflitos do herói consigo mesmo no aprendizado da vida".

Victor Malka (1938), escritor que já publicou centenas de livros de história, de anedotas e do folclore judaico;

Leandro Rodríguez (1934), espanhol cervantista, escreveu: "*Miguel, Judío de Cervantes*" (1978), "*La vía de Don Quijote en Sanabria*" (1981), "*Documentos de crianza del sanabrés Don Quijote*" (1983), "*Cervantes en Sanabria*", "*Ruta de Don Quijote de la Mancha*" (2004), etc.

O marroquino Fernando Arrabal tampouco tenta dissimular a vaidade (logo quem!):

"E, quando mais exposto me julgava, aplaudiram-me de pé brilhantes eruditos: de Jean Canavaggio a Martín de Riquer, aos quais tanto li, com os quais, se me permitem, tanto amei" – diz ele ao fim do prólogo.

Jean Canavaggio (1936) é um famoso e premiado cervantista francês, enquanto que **Martín de Riquer** (1914-2013) foi um escritor catalão, que lutou ao lado do tenente nazista Francisco Franco na Guerra Civil espanhola e foi premiado com cargos públicos. Amigo de Arrabal, pois. Escreveu sobre Dom Quixote, Tirant lo Blanc, Amadis de Gaula e o trovadorismo espanhol.

Em não sendo caso para tratar neste artigo, a querela Antonio de Segura versus Miguel de Cervantes, está muito documentada, especulada e difundida, pode ser lida em milhares de textos históricos e fictícios pelo mundo afora. Só que Fernando Arrabal, muito esperto, separa a pena do crime.

O crime: "*haver dado certas feridas a Antonio de Sigura, andante nestas cortes*".

A pena: "*sobre o qual o dito Miguel de Cerbantes, foi condenado a com vergonha pública ter cortada a mão direita e em desterro de nossos Reinos por o tempo de dez anos e em outras penas contidas na dita sentença*".

O duelo entre Cervantes e Segura é fato histórico sobejamente conhecido e se a pena parece desproporcional é porque Antonio de Segura (*) era pessoa importante. O tema foi romanceado por Luis Garcia Jambrina, escritor contemporâneo, no romance histórico "*La sombra del otro*", que enfoca a vida de Cervantes, desta vez sob a visão de Antonio Segura. O romance, sem disfarçar o pêndulo do favoritismo para Miguel de Cervantes, começa cercando-se de verossimilhança:

"Numa livraria de Toledo, um professor de literatura encontra, por acaso, uns papeis antigos escritos em caracteres arábicos. Trata-se da "confissão" de Antonio de Segura, inimigo dissimulado de Miguel de Cervantes, a quem inveja com toda sua alma e persegue de maneira implacável com a intenção de destruí-lo. Nela, Segura nos relata, do cárcere, como conheceu Cervantes na sua juventude e como foi ferido por ele durante um duelo, fato que mudará para sempre o destino de ambos".

A cena faz parte das entrevistas dadas por Luis Garcia Jambrina, mas ninguém ficou curioso de saber por que Antonio de Segura estava em cana (***desde la cárcel***) – fato não biográfico, ao que parece.

"Aqui [na Plaza de Oriente] estava o Alcázar de Madrid, onde se encontra o Palácio do Oriente; em seu entorno, era crime desembainhar a espada. Cervantes o fez num duelo contra Antonio de Segura, a quem deixou gravemente ferido. Por este motivo o escritor de Dom Quixote teve que fugir para a Itália".

Arrabal desvirtua a pena, levando-a para a legislação sobre homossexualidade, que condena a ser cortada a mão direita daquele que for condenado por sodomia.

Cismei também com a tradução de Carlos Nougué que, juro de mãos postas, a princípio julguei ter sido feita através da *tradumática*, recurso muito usado em tempos de informática. Diante da crítica à tradução uma aluna do professor Carlos Nougué veio em sua defesa, mas eu não pude replicar porque o danado do livro simplesmente sumiu de minha vista. Agora, remexendo papeis velhos, o dito cujo apareceu e só então posso justificar o motivo do meu aborrecimento quanto à tradução.

Tenho a impressão que os tradutores se perdem ao esquecer que estão transferindo um texto estrangeiro para leitores comuns, não para seus próprios pares. Mas esse destino parece inevitável em literatura e nas artes em geral: poeta escreve para poetas, pintores pintam para pintores, músicos compõem

para músicos , tradutores traduzem para tradutores – e todos vão discutir seus feitos geniais na Confeitaria Colombo...

Carlos Nougué está na internet www.cursos.carlosnougue.com.br, que propaga o seu trabalho: *"Professor Carlos Augusto Ancêde Nougué. Professor de Filosofia. Professor de Tradução e de Língua Portuguesa em nível Pós-graduação (UGF), Lexicógrafo, Prêmio Jabuti de Tradução 1993". A página também dá notícia sobre o curso: "Por uma filosofia tomista. Primeiro curso realizado pela CONTEMPLATIO. Curso on-line de 60 horas ministrado por CARLOS NOUGUÉ. As inscrições vão de 18 de setembro a 10 de outubro de 2013*".

Obs.: Por quais razões um beneditino, cujo princípio fundamental é "ora et labora" – reza e trabalha – bandeou para os complexos labirintos do tomismo? O tomismo é tratado como filosofia, mesmo contrariando os princípios de São Tomás de Aquino, que tinha por finalidade conciliar teologicamente a filosofia grega ao cristianismo. Da impossibilidade de alcançar esse objetivo é que sobrevivem, 750 anos depois, tais cursos...

São Bento abandonou todos os mosteiros que dirigiu. Por ser rigoroso quanto ao comportamento ético, muitos atentaram contra sua vida. Foi resgatado do deserto onde vivia como eremita para ter seu conhecimento adotado e reconhecido. As figuras de São Bento mostram, junto com o Santo, o livro "Regra", o cálice quebrado pela serpente e um corvo, lembrando o pão envenenado que recebeu de monges invejosos.

Outro site www.questoesgramaticais.com.br, publica:

PARA BEM ESCREVER NA LÍNGUA PORTUGUESA
CURSO ONLINE DO PROFESSOR CARLOS NOUGUÉ.

Alimenta a propaganda as citações:

A gramática de uma língua é a arte de [escrever e, pois de] *falar corretamente.* – Andrés Bello

A gramática é a arte de levantar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada que o fardo. – Antoine Rivarol

Mas a minha bronca com o professor Carlos Nougué – que traz no lombo a responsabilidade de ter sido educado no Colégio São Bento, o melhor do país – não tem caráter filosófico, apenas cismei com algumas frases que li no livro mal vertidas para o brasileiro, com inversões desnecessárias. Exemplifico:

pg. 21 – Miguel de Cervantes ***batizado foi;***

pg. 25 – Os tetravós de Cervantes ***convencidos estavam;***
pg. 26 – ***Precursor do nazismo foi;***
pg. 31 – o mais quixotesco de todos, ***da fogueira não pôde escapar;***
pg. 32 – em razão de eu ter escrito ***dissidente dedicatória*;**
pg. 32 – a castração, longe de intimidar, ***a rebeldes asas lhes dá;***
pg. 35 – **E faltar não podia.**

E assim segue a carruagem, até o final do volume. Ora, a tradução de um texto em prosa não exige figura retórica, não tem imagem poética, são frases curtas, de expressão direta, sem outras interpretações. O brasileiro não se expressa assim, como o professor acha. O brasileiro lê e diz: *foi batizado, estavam convencidos, Foi precursor do nazismo; não pôde escapar da fogueira; dedicatória dissidente; dá asas a rebeldes; E não podia faltar, etc. etc. etc.*

Neste caso faltou à educação do Carlos Nougué uma leitura dos modernistas, desde Menotti Del Picchia e Manuel Bandeira, a Mário e Oswald de Andrade – ou lá distante, no brasileirismo índio de Gonçalves Dias e, mais atrás, de José de Anchieta – fontes nas quais poderia beber sobre o falar e o escrever brasileiro.

Alguém poderá dizer: – Mas, e se o Arrabal tivesse escrito dessa maneira? Eu responderia: – Ainda assim, em não sendo livro que exija interpretação, o tradutor teria que escrever de modo que o leitor brasileiro entenda. Traduzir é trazer para a língua local o que foi escrito noutra língua de modo mais fiel, igual e inteligível.

Tirante isso calo-me porque vejo que o professor Carlos Nougué já arranjou muita sarna pra se coçar, quando caiu em polêmica com o velho Olavo de Carvalho. Quem tem um inimigo como Olavo de Carvalho, não precisa polemizar com um pé-rapado como eu. Vejam "Resposta a Carlos Nougué" – Olavo de Carvalho, em http://www.midiasemmascara.org.

E por que disse ali atrás que Arrabal tinha escrito uma ficção e não uma biografia de fato? Respondo com outra pergunta: – O que haverá de ter ainda para escrever sobre Cervantes? Por exemplo: Arrabal cita um sem número de cidades espanholas que avocam para elas, em vão, o registro do nascimento de Cervantes. Diz Arrabal sobre isso:

"*Luís López Fernández, mais conhecido por 'doutor póstumo', assegura que em registros de batismos e de herança se encontram documentos com o nome Cervantes: 'Homônimos, tão frequentes em sobrenomes patronímicos*'".

Então me pergunto por que também não seria um desses casos a ordem de prisão que deu o pontapé inicial para o livro de Arrabal? Logo de início se

pescam duas divergências nos nomes: My[i]guel de Cerb[v]antes e Antonio de Si[e]gura. É cada uma que me aparece!

Ademais, Arrabal transita pelos séculos como se estivesse atravessando um sinal de pedestre. Personagens do Século XVI confraternizam com outros dos Séculos XIX e XX, fazendo com que se compreenda cada vez mais a intencionalidade (e vacuidade) com que Arrabal compôs o seu texto – brincando de *pique-esconde* com fatos, pessoas, histórias.

Mas, enfim, estava eu aqui matutando sobre isso quando dou de cara com o texto "*La supuesta homosexualidad de Cervantes*", de Daniel Eisenberg (Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003) para ficar com a estranha sensação de estar enxugando gelo. Ai meu Deus! Todo mundo já mexeu nisso! Mas foi bom, até justo, porque, já tendo o Olavo de Carvalho para cuidar de Carlos Nougé, agora encontro o Daniel Eisenberg para tratar de Fernando Arrabal.

O artigo de Daniel Eisenberg vem a respeito da discussão sobre a 'suposta' homossexualidade de Cervantes – uma heresia para todos os cervantistas do mundo! – tema que surgiu primeiro em artigo de autor inglês – os espanhóis engoliram a provocação em silêncio. Daniel Eisenberg constata: "*O único autor espanhol que se atreveu a tocar no tema plenamente é o repugnante – nesse aspecto – Arrabal*".

De fato, é ignóbil alguém supor que o ídolo e gênio da literatura espanhola seja um *maricón*. Para reafirmar o massacre a Fernando Arrabal, Daniel Eisenberg, se apossa das notas de Urbina y Diez para baixa o pau no livro "Um escravo chamado Cervantes":

"Los errores y manipulaciones en el libro de Arrabal, analizado por Urbina y Diez, son espeluznantes. Según él [Arrabal] – y no hay documentación de ninguna de estas afirmaciones –

a) Cervantes fue desterrado por pecado nefando,

b) los padres de Cervantes montaron en Madrid una casa de prostitución,

c) el maestro López de Hoyos enseñaba a sus párvulos la filosofía hispanomusulmana del siglo XII,

e) Cervantes tenía mucho interés en las figuras de Buda y Confucio,

f) Carlos V escribió un libro de caballerías.

Especialmente quisiera señalar que Arrabal no clausuró el I Congreso de la Asociación de Cervantistas, y que no le aplaudieron de pie Martín de Riquer y Jean Canavaggio, como ha sido confirmado directamente por este último".

Mas – ¡carajo! – quem não conhece Arrabal? Quem não sabe a biografia de Arrabal, que desde os primórdios da carreira escolheu o campo da polêmica , da invenção e da mentira para se expressar? 90% do que Arrabal fez e escreveu são invenções – só 10% são mentiras! (obrigado Manuel de Barros). Dessa maneira, estando tudo explicado, tudo em seu devido lugar, tiro o peso do lombo e vou cuidar de outras coisas mais amenas.

Rio de Janeiro, Cachambi, 8 de abril de 2015.

****

(*) Antonio Segura - Pintor de la corte de Filipe II.

El Padre Zarco, en su obra *Pintores españoles en San Lorenzo el Real de El Escorial*, refiere a «Antonio de Segura, pintor, natural de San Millán de la Cogolla, en La Rioxa». Astrana Marín cuenta que el autor del Quijote, hacia el año 1568, en una reyerta causó varias heridas a un andante en corte llamado Antonio de Sigura. Cervantes, para huir de la justicia, marchó a Italia. Declarado rebelde, se le condenó a que le fuese cortada la mano derecha y a destierro del reino por diez años.

Carlos V en su codicilo había dejado encargado que se hiciera el retablo de la capilla mayor del Monasterio de Yuste. Antonio de Segura se compromete a ejecutarlo tal y como lo desea el rey don Filipe II. El rey loa y confirma y tiene por bueno el contrato celebrado entre Antonio de Segura y Martín de Gaztelu.

El retablo ha de ser de madera, de la altura y tamaño señalados por Juan de Herrera. Ha de representar el juicio final conforme a la pintura de Tiziano que está en El Escorial. Tendrá cuatro columnas corintias con su pedestal. Sobre éste habrá una custodia y en el frontispicio un escudo con las armas del Emperador. Ha de pintar, dorar y estofar el retablo. Además se compromete a labrarlo en el Monasterio de El Escorial, conducirlo al Monasterio de Yuste y colocarlo en la capilla mayor.

Todo lo ejecutó Antonio de Segura a satisfacción del rey, el cual, según Ceán Bermúdez, le nombró maestro mayor del Alcázar de Madrid, del Pardo y de la Casa de Campo en las enfermedades y ausencias de Francisco de Mora. Añade el Padre Zarco que Antonio de Segura murió en Madrid en 1605 y que Filipe III concedió a la mujer del artista dos reales diarios, pensión que, a la muerte de ésta, otorgó luego a María de Segura, su hija. (In "Riojanos Ilustres")

Parte deste texto já foi publicado em:
http://www.duplipensar.net (14/03/2007)
http://palavreirosdahora.blogspot.com.br (27/12/2007)
http://www.recantodasletras.com.br (19/01/2006)